

A escrita etnográfica na análise de fenômenos teatrais

Adriana Schneider Alcure

Professora Adjunta do Curso de Direção Teatral - ECO - UFRJ

Doutora em Antropologia (PPGSA /IFCS/UFRJ); Pós-Doutorado em Artes Cênicas (PPGAC/UNIRIO)

Atuação profissional: Atriz, diretora e pesquisadora de teatro integrante do Grupo Pedras.

Professora Adjunta do Curso de Direção Teatral - ECO - UFRJ

Resumo: O trabalho refletirá sobre a relação interdisciplinar entre o teatro e a antropologia, a partir da relevância da escrita etnográfica na produção de fontes para a análise de fenômenos teatrais contemporâneos. Está baseado na pesquisa realizada sobre o teatro de mamulengos da Zona da Mata pernambucana em Alcure (2001 e 2007). A abordagem etnográfica do mamulengo, realizada no estudo citado, possibilitou, entre outras questões, a problematização da construção coerente do objeto em detrimento de seu caráter heterogêneo, polissêmico e variável, resultando num campo fértil de tensões. A reflexão integra o escopo conceitual desenvolvido no projeto “Possíveis metodologias para a análise do riso em estudos de caso”, em implantação no Curso de Direção Teatral da Escola de Comunicação da UFRJ.

Palavras-chave: etnografia; mamulengo; cavalo marinho; Zona da Mata pernambucana; metodologias de pesquisa.

As reflexões que se seguem são resultantes da pesquisa que vem sendo realizada, desde 1997, na Zona da Mata pernambucana, acerca do mamulengo e do cavalo marinho, expressões teatrais populares dessa região. O estudo aponta para a questão de que determinadas formas teatrais, em especiais aquelas oriundas da “tradição” oral que compõem o que, problematicamente, definimos como “expressões populares”, podem encontrar na abordagem etnográfica uma metodologia eficaz de pesquisa. Em Alcure (2001 e 2007), a escolha pela realização de uma análise etnográfica do mamulengo foi fundamental para revelar os processos de significação desta expressão em permanente negociação com fenômenos socioculturais na contemporaneidade.

A tese foi organizada de modo a tentar compreender o mamulengo em suas abrangências. Ao verificar as especificidades do mamulengo, procurei problematizá-las para relativizar definições assertivas, revelando seus ruídos, suas exceções. Nesse sentido, procurou-se compreender o mamulengo através de processos sociais variados, tais como: sua relação com outras manifestações e brincadeiras, em especial com o cavalo marinho, bem como verificar o aprendizado dos mestres mamulengueiros, a confecção e a comercialização do boneco, a circulação por diferentes contextos e a política local. A intenção era surpreender o mamulengo em ação.

Em linhas gerais, pode-se definir o mamulengo como sendo uma forma específica de teatro de bonecos. O cavalo marinho é uma espécie de teatro de rua com a utilização de máscaras. Ambos são formas teatrais cômicas por excelência. O mamulengo e

o cavalo-marinho possuem uma ampla variedade de personagens fixos, mais conhecidos como *figuras*, que se apresentam em *passagens*, enredos que serão improvisados. Também são notadas as *loas* correspondentes a personagens ou a situações determinadas. Há uma enorme reciprocidade entre os personagens e passagens destes brinquedos. A relevância desse destaque comparativo do mamulengo com o cavalo-marinho (Alcure: 2007a e 2007b) para a investigação apoia-se, entre outros aspectos, nas semelhanças contextuais e, em alguns momentos, estruturais, tais como: sequência de passagens curtas improvisadas; entremeio de músicas entre as cenas; temas musicais específicos para os personagens; presença de conjunto musical executando a música ao vivo; mesma temática de passagens; a comicidade como destaque na representação; conhecimento do brinquedo transmitido oralmente e através da observação; duração do tempo de apresentação em geral, “tradicionalmente” a noite toda; público específico com conhecimento do brinquedo; mesmo tipo de contratos, etc. Tanto o cavalo-marinho, quanto o mamulengo têm como presença fundamental a música executada ao vivo.

O exercício etnográfico manteve o objeto sob tensão, expondo seus processos de construção. Por estar acompanhando alguns destes mamulengueiros desde 1997, frequentemente me confrontei com surpresas, novidades e contradições, que, talvez, só um contato intenso com o campo numa pesquisa de longa duração poderia evidenciar. O aparecimento de novas categorias, ou usos diferenciados de palavras e expressões fundamentais empregadas pelos mamulengueiros, além da ampliação da presença do mamulengo em diversos circuitos culturais, que não os da Zona da Mata, são alguns dos problemas com que me deparei (ALCURE, 2010).

A abordagem etnográfica do mamulengo problematizou diversos pontos de vista, contrapondo o olhar externo à Zona da Mata, através de uma rede ampla de atores sociais em relação com o mamulengo, à visão que os próprios mamulengueiros, o olhar interno, têm de seus fazeres. Mas a realização de uma etnografia densa, como elaborada por Geertz (1973) também trouxe problemas metodológicos ao trabalho. Nas considerações de Geertz (1973: 20), o trabalho etnográfico consistiria em atentar para a leitura de formas culturais locais específicas:

Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

No entanto, esta tendência interpretativa poderia levar-nos a reificar a noção de cultura como algo dado, anterior à análise. Segundo esta ideia, a cultura é um texto que se transforma, cujo sentido é negociado entre os sujeitos, o que pode nos parecer que a cultura é algo que existe “fora” dos sujeitos e de suas relações, e que deste modo seria possível falar “sobre”. Dessa forma, o problema aparece, pois o mamulengo não é algo dado,

imutável, ele adquire novos sentidos quando em diferentes contextos e relações. Sendo assim, a própria ideia da etnografia como algo que retrata um presente possível de ser lido e interpretado teve que ser problematizada. Este também seria um exercício transitório, em que o papel do pesquisador e sua retórica são tão relevantes quanto o próprio objeto a ser traduzido.

Em parte isto é interessante, mas por outro lado percebo que o mamulengo que identificaria (se é que isso é possível) como “próprio da Zona da Mata” é também um efeito de interpretações dos próprios mamulengueiros, e está em mudança, numa espécie de re-significação permanente. “É possível mostrar de forma razoável que muito do que os membros de um determinado grupo consideram como dados naturais é meramente um reflexo de seus próprios pressupostos” (BARTH, 2000: 111).

Por isso, as implicações em realizar uma descrição densa sobre o teatro de mamulengos exigiram considerações. Tratar o teatro de mamulengos como um corpo único e invariável seria uma incoerência em relação às conquistas que a cultura popular, conceito que não problematizaremos aqui, vem ganhando nos últimos anos. As questões da variabilidade e da criação artística são dois destes pontos, por exemplo, que contestariam um tratamento generalista sobre o mamulengo.

Somos treinados a suprimir os sinais de incoerência e de multiculturalismo encontrados, tomando-os como aspectos não-essenciais decorrentes da modernização, apesar de sabermos que não há cultura que não seja um conglomerado resultante de acréscimos diversificados (...) (BARTH, 2000: 109).

Com essas questões em mente, foi inspirador o trabalho de Gluckman (1980 e 1987) e o método dos casos desdobrados para a ordenação e rendimento deste material etnográfico. Foram selecionadas situações sociais ao longo dos anos de pesquisa.

Ao nos darmos conta de que a cultura é de fato, em certo sentido, uma mixórdia, que costumes e valores independem uns dos outros, discrepantes, conflitivos e contraditórios, teremos de desenvolver conceitos para tratar da vida social que sejam menos rígidos e que possam dar conta da interdependência como também da falta de interdependência, do ocasional como também do sistemático. (GLUCKMAN, 1980: 75 e 76).

O mamulengo está presente em diversos circuitos, que não necessariamente os da Zona da Mata. Mesmo tendo um corpo “tradicional” bem definido, que seria referendado por um conjunto fixo de personagens, passagens, loas, cantigas, pelo aprendizado dos mestres, por outro lado está inserido numa sociedade complexa que articula valores múltiplos, dinâmicos e amplos. Justamente por articular uma rede social complexa, o mamulengo põe em questão noções demasiadamente restritas de cultura, cultura popular e localidade.

Mesmo tendo consciência de que todo objeto é construído, “concordo, todavia em que, para descrever essa totalidade, faz-se mister representar o sistema *como se fosse* estável e coerente” (Leach, 1996:125). Por isso, foi adequado para o caso aqui proposto mantê-lo sob essa tensão: a de que o mamulengo, apesar de ser abordado em sua especificidade, possui significados diferenciados para os múltiplos atores internos e externos à Zona da Mata que com ele se relacionam, e entendo que:

Isso de forma alguma diminui a primazia a ser dada às realidades que as pessoas constroem, aos eventos que elas ocasionam, e às experiências que elas obtêm. Essas constatações, porém, forçam-nos a reconhecer que vivemos nossas vidas com uma consciência e um horizonte que não abrangem a totalidade da sociedade, das instituições e das forças que nos atingem. (BARTH, 2000: 137).

Para ser fiel à heterogeneidade do mamulengo, durante todo o trabalho procurei fazer a pergunta: qual o mamulengo estou analisando? Assim, procurei manter-me nesse lugar de polissemia, referendando-me pela observação em campo e a análise deste material, no sentido de penetrar no entendimento dos próprios atores em relação a seus fazeres. O que é também problemático, pois as situações com que nos deparamos em campo não compreendem o todo representativo do objeto, mas um recorte específico que escapa, muitas vezes, ao controle do pesquisador, fazendo com que ele corra o risco de tomar aquilo que vê pela própria coisa.

Desde a publicação dos diários de Malinowski (MALINOWSKI, 1997), a autoridade do etnógrafo tem sido colocada em questão (CLIFFORD, 2002). O processo de construção de textos etnográficos em contextos coloniais, por exemplo, revelou uma série de problemas que não transpareciam na escritura da etnografia. “Se a etnografia produz interpretações culturais através de intensas experiências de pesquisa, como uma experiência incontrolável se transforma num relato escrito e legítimo?” (CLIFFORD, 2002: 21). Apesar de ter procurado não imobilizar meu trabalho por estas questões e tão pouco transformá-lo num relato personalista, desviando o foco da pesquisa, procurei estar atenta à contextualização de meu próprio olhar. Assim, acredito que, ao lançar mão da perspectiva antropológica na análise de fenômenos teatrais, é preciso acionar também a discussão contemporânea sobre a etnografia. Mesmo assim, as relações entre a antropologia e o teatro são um campo de tensões frutíferas para o desenvolvimento de pesquisas no âmbito teatral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCURE, Adriana Schneider. *Mamulengos dos mestres Zé Lopes e Zé de Vina: etnografia e estudo de personagens*. Dissertação (Mestrado em Teatro). Centro de Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação, UNIRIO, 2001.

_____. *A Zona da Mata é rica de cana e brincadeira: uma etnografia do mamulengo*. Tese de Doutorado (Doutorado em Ciências Humanas / Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, UFRJ, 2007a.

_____. O universo compartilhado de brincadeiras da Zona da Mata pernambucana. In: BELTRAME, Valmor Níni & MORETTI, Gilmar A. (editores). *Móin Móin: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*. Jaraguá do Sul: SACAR/UDESC, ano 2, v. 3, 2007b. (61-81).

_____. O mamulengo em múltiplos sentidos. In: BELTRAME, Valmor Níni & MORETTI, Gilmar A. (editores). *Móin Móin: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*. Jaraguá do Sul: SACAR/UDESC, ano 6, v. 7, 2010. (188-207).

BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX*. Gonçalves, José Reginaldo S. (org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GEERTZ, Clifford. Prefácio” (7-10); Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura (13-41); A Religião como Sistema Cultural (101-142); ‘Ethos’, Visão de Mundo, e a Análise de Símbolos Sagrados (143-159); A Ideologia como Sistema Cultural (163-205); Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa” (278-279). In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978 (1973).

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia Moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987. (227-344).

_____. O material etnográfico na antropologia inglesa. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves S.A, 1980.

LEACH, Edmund. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Um diário no sentido estrito do termo*. São Paulo: Record, 1997.